

de Sol a Sol

A PINTURA E OS PINTORES PORTUGUESES

Sol Nascente publica hoje na secção de artes plásticas dois vigorosos depoimentos de pintores estrangeiros sobre o destino da pintura. Que pensarão das palavras enérgicas e esclarecidas de Amédée Ozenfant e de Antonio Berni os poucos dos nossos pintores que as lerem? Temos o maior interesse em sabê-lo, pelo que muito gratos ficaríamos se os pintores portugueses nos escrevessem sobre o assunto e nos autorizassem a publicar as suas cartas. Iniciar-se-ia assim um inquérito sobre a pintura que seria da maior importância para a renovação das nossas artes plásticas.

Mas existirão pintores portugueses capazes de tomar algum interesse por esta iniciativa que — reconhecêmo-lo — em nada contribui para aumentar as vendas de quadros?

Sabemos que sim e aguardamos os seus depoimentos.

uma senhora prendada

Um leitor nosso, impressionado, enviou-nos um número de «Modas e Bordados» onde avulta a crítica da senhora D. Helena de Sá à exposição de Abel Salazar.

Não a transcrevemos porque já duvidamos que nos seja perdoado ocuparmos espaço com o que vai pelo «Modas e Bordados».

Apenas dizemos que, ao terminar a leitura da crítica, tínhamos bem vincada no espírito a impressão de que a senhora D. Helena de Sá devia ser inexcusável na difícil arte de confeccionar o doce de abóbora!

Simplesmente espantoso o poder que esta senhora tem de sintetizar numa escassa meia dúzia de linhas a quasi totalidade dos disparates susceptíveis de serem ditos no campo da arte.

Com franqueza, minha senhora, não seja tão egoísta!...

Se tão perdulariamente dispense só por si tanta barbaridade, que há-de restar à D. Aurora para as suas crónicas?

estes intelectuais!... crianças, cães

Uma crítica a *Mónica*, o último romance de Aquilino, feita pelo crítico do «Diário de Lisboa», João Gaspar Simões, tem dado motivo a um desses direi eu, dirás tu, que fazem parte do triste panorama da nossa intelectualidade.

Estes génios, se os criticos não lhes dizem bem da obra; estes criticos que não reveem convenientemente os seus juízos, desatam logo aos berros: Aqui d'El-rei que me roubaram a glória! Aqui d'El-rei que estou roubado!

E a conclusão é esta: o génio deixa de ser génio, o grande crítico deixa de ser grande crítico, e fica tudo reduzido às devidas proporções.

uma lição de Einstein

Conta-nos Edwin Miller, num jornal norte-americano, um curioso episódio da vida de Einstein:

«Num banquete que lhe ofereceu o presidente Swarthmore, instado para falar, Einstein disse apenas: «Meus senhores e minhas senhoras: sinto muito, mas nada tenho a dizer». Momentos depois, ergueu-se novamente e acrescentou: «Caso tenha alguma coisa a dizer, voltarei». Seis meses depois, procurou o presidente: «Agora tenho alguma coisa a dizer». Ofereceram-lhe um segundo banquete e Einstein fez um brilhante discurso.»

Seriam incalculáveis os benefícios que nos adviriam se esta maneira de proceder fosse seguida por toda a gente. Teríamos, é certo, menos jornais, ouviamos menos discursos, menos conferências. Mas por outro lado, quantas energias poupadas, quanto tempo aproveitado!

e meninas perliquitetes...

Lemos no *Boletim da Nouvelle Revue Française*: «Londres—Dois apêlos radiofónicos são lançados na mesma semana. Um, a favor duma sociedade de animais, consegue 18.000 libras. O outro, para um Hospital de crianças, rende apenas 160 libras». Esta notícia lembrou-nos a existência em Lisboa duma clinica para cáizinhos, onde têm lugar as cenas do mais pungente desespero, oscilando da lágrima ao chélique, por parte das mimosas donas. Tudo estaria bem se este amor dos bichinhos não fosse uma manifestação de certo humanitarismo muito conhecido onde há mais amor dos cães que dos homens, se esta clinica não representasse uma ofensa para a dignidade dos que, por esse país, estão doentes e impossibilitados de se hospitalizar. Não se trata de pouco amor pelos pobres animais, eles têm os seus direitos, mas reputamos absolutamente imoral o predomínio dos cães sobre as crianças que morrem muitas vezes por falta de assistência. (Imagine-se que um dos doentes da canil clinica estava lá para... endireitar os dentes).

Se não fosse doloroso, profundamente chocante, seria ridículo, extremamente cómico!

os deputados e o papel timbrado

Henry de Montherlant, o conhecido autor do romance «As raparigas», tem publicado recentemente alguns artigos sobre os costumes da burguesia. Num desses artigos, consagra-

do às cartas, diz Montherlant do seu embaraço por um deputado lhe ter escrito sobre um assunto de carácter privado em papel com o timbre da Câmara. E acrescenta depois que, se esse ou outro deputado escreve mais de uma vez nestas condições, é porque tem esse hábito, o que mostra:

—ou que escreve a sua correspondência privada na Câmara e a Câmara não foi feita para isso;

—ou que leva papel da Câmara para casa por economia, como Barrés, e este procedimento sórdido horroriza Montherlant;

—ou que quer lembrar à pessoa a quem escreve, — propósito e fora de propósito, que é deputado e então é um pretenso.

Que lhe parece, leitor, esta lógica cerrada de Montherlant?

Karel Capek

Pouco depois da Tcheco-Eslováquia sucumbir ao golpe de Munich morria o mais célebre escritor checo-eslovaco, Karel Capek, apenas com a idade de 48 anos.

A ruína da sua pátria e a traição dos que se comprometeram a defendê-la, juntamente com os ataques de certa imprensa, motivaram a sua morte prematura. Grande espírito europeu, fora proposto por Aragon e por Jules Romains, em nome dos Pen-Clubs, para Prémio Nobel de Literatura em 1938.

A sua obra está sendo traduzida em francês e foi recentemente representada em Paris a peça, *A época em que nós vivemos*, magnificamente adaptada por Luc Durtain.

Dr. José Calafate

Morreu trágicamente num estúpido desastre de viação, este nosso companheiro.

Foi um médico e um professor, vivendo na obscuridade da província uma vida plena de sacrifício e de dignidade sem uma sombra de cobardia ou de egoísmo. Prematuramente desaparecido fica-nos a sua lembrança como o mais alto exemplo.

«Sol Nascente» presta-lhe a sua devotada homenagem.

Sol Nascente

a revista cultural
do pensamento jovem

Publica-se a um e quinze de cada mês
Mínimo de assinatura: 5 números, 5 escudos
(Pagamento adiantado)

Enviar toda a correspondência para:
COURAÇA DE LISBOA, 38—COIMBRA
Visado pela Comissão de Censura

